

Pintura Extemporânea: livros de tinta em Badida

Tânia Lima. Doutora em Letras pela UFPE.

“Era uma vez a noite” de portas abertas para Olinda. Abrem-se as janelas e o olhar descortina-se de um ateliê entre travessias da cidade histórica. Quando chega o verão, Olinda encara o trajeto da lua e vira sol e festa. A rua torna-se palco de gente colorida descendo o colorido das ladeiras misericórdias.

Na Rua do Amparo, número 33. Casa de Badida: óleo sobre eucatex: Patrimônio Cultural. Casa onde o convite de intimidade pede licença poética para aconchegar o mundo pintado de cabeça para o alto. Almas sobre telas! Lá de dentro, as miscelâneas de objetos de arte fazem parte do ateliê dessa artista cearense do mundo que há vinte anos habita internacionalmente o coração de Pernambuco.

Falar sobre Badida é um elogio. Encontrar a figura lírica comunhão de sabedoria terna na rua do Amparo, nº 33. Empilhado em prateleira, a casa de nº 33 nos remete à sugestão lúdica com o Manuel Bandeira de *Libertinagem*. A pintura que convive com a cor para salvar as perdas da vida. Bem à vontade, encontramos a pintora entre seus objetos preferidos: livros. A casa de Badida parece nua de cores e palavras. Suas telas trazem reflexões sobre as dúvidas humanas, pinceladas pelo que há de mais universal: amor, alegria, dor, tragédias, desencontros amorosos, tudo retirado das cenas simples do cotidiano. Como rabisca em uma das telas: “Por onde andará o grego que me prometeu uma ilha e um casamento em Micokonos”.

Há ‘arte em toda parte’ na casa de Badida. “Aqui os grilos tocam campainha”. Em um “teto todo seu”, de Virginia Woolf: pratos coloridos estendidos em guardanapos de azulejos, até as xícaras com desenhos de formigas fazem companhias ao café. As cadeiras com letras armoriais trazem uma homenagem ao escritor Ariano Suassuna. Colagens de texto de Pablo Neruda sobre o fogão da cozinha: “Se terminar o amarelo como faremos o pão”? O piso coberto de flores antigas lembra muito os contos, do livro das igrejas abandonadas, de Tonino Guerra. O sofá vermelho safa cheio de palavras tiradas da sala dos poemas. A porta redonda, enorme, grande mesmo, é convite para viver um grande amor à Vinicius de Moraes. Ou quem sabe, Meu Deus, para se pintar a lua, as plantas. Ou ver de longe as árvores pulando de quintal em quintal.

Como costuma dizer: “Ler é o que me realiza”. Quando começamos esta conversa a impressão que tínhamos é que estávamos na presença não propriamente de uma pintora, mas de uma profunda poetisa das cores. Sua pintura ultrapassar o terreno das metáforas, amplia o tecidos das imagens. “São histórias sintetizadas em pinturas”, delineia-nos Badida. As telas são entrelaçadas de poemas, como este verso do escritor Moreira Campos: “Nesta manhã trago comigo uma grande culpa”. As reflexões da alma humana se fazem presente na dobra suave de traços fortes, cores sombrias. A culpa ontológica demarca o que se faz presente na rinha dos acertos e erros do ser. Os desvãos são desvios referenciados como alumbramentos e se estatelam na travessura das ações humanas. Os sorrisos estampados vêm bordados em linha fina: branco, vermelho, cobre, cinza, azul, o barro. A cor do barro de Nanã que se faz carne em Obatalá.

A tradução entra em sincronia com um mundo alinhavado de ritos e mitos desfigurados em pano de fundo. A experiência da dúvida nos quadros invade o pensar humano sobre os caminhos da humanidade neste início de século. As telas são luxurias de histórias. Narrativas inventadas ou mesmo tiradas de algum canto da realidade, como o caso da “Mulher Empareda da Rua Nova”. Quadros de Badida são livros dependurados sobre paredes. O trabalho cuidadoso revela o peso que cobre o enfado existencial.

Da tinta, deslizam versos de Francisco Carvalho: “Eu te dirijo a minha súplica de homem bicho e de pelo áspero e gesto modelados pela luxuria”. A identidade refletida no espelho, os diversos eu partidos, perdidos. O outro nos outros. A ‘outridade’ de que fala Deleuze. Suas gravuras são indagações sobre o Ser. Suas tintas salteiam da filosofia para demarcar passagem no terreno movediço da poesia. Seu território abismal carrega a sofreguidão dos que não carregam a certeza de si mesmo. São impressões de mundos oníricos que vem à tona em óleo sobre tela. São fotografias da alma enroscando-se às mazelas do corpo em descompasso com os anseios e expectativas do ego.

Não é o conceito que está no lugar da obra. Como se observa nas instalações contemporâneas, em sincronia com Duchamp. Mas longe um pouco, a obra dessa pintora está além do conceito. Nesse sentido, defini-la não a reduz muito menos limita. Mas, frente à diversidade de seus traços, mistura de cores, desenhos minimalistas, cavalos galopando o céu, bilros da paisagem, não resta dúvidas: estamos em frente de uma arte que dá voz às absurdidades da vida humana. Voz de uma artista Latino-Americana em comunhão com a

diversidade cultural dos dias atuais. Seus quadros pinçam sobre aquilo que nos salva da morte diária: a transcendência do ser. Suas pinturas são narrativas sacras, poemas profanos, contos fantásticos à beira do maravilhoso de Capentier. Seus personagens são pétalas míticas e místicas a povoar telas da ficção ora pelo signo ora pelo ícone.

Badida pinta como se escrevesse e opta pelo que está além do que sugere a realidade superposta. As pinturas íntimas do inconsciente. Uma intimação, lembrando Guimarães Rosa na voz de Riobaldo. Retrato tênue dos sonhos que saem das “janelas da alma”. São personagens movidos pelo fluxo de consciência. Cambiantes desenhos alinhados pelos movimentos dos traços que teimam e reinam sem esconder-se.

A intimidade com as palavras a fez organizar pela Ed. Bagaço o livro: *Rodopios Amáveis, gesto*, da poetisa Dunas de Areia. Devemos alertar que a afinidade eletiva da escrita em Badida vem dos mares alencarinóis. Em 1974 fez sua primeira exposição de Pintura na Casa Raimundo Cela no Ceará. Filha do escritor Moreira Campos, que o mestre Graciliano Ramos ao organizar a coletânea de contistas brasileiros colocou na ponta dos melhores. Criada em um lar de três mil livros, Badida chegou a ilustrar para seu pai o livro de poesia *Momentos*. Mas foi da irmã, a escritora Natércia Campos [falecida no ano passado] que recebeu o apelido de Badida. Em setembro de 2 mil e 4, numa homenagem póstuma à irmã [autora de *A casa*,] Badida expôs em Fortaleza no Centro Cultural Oboé.

“Dizer que Badida [Marisa Campos] é surrealista seria como admitir que os seus quadros têm apenas a prevalência dos sonhos, dos instintos e dos desejos. Seria como enquadrá-la como mera seguidora do Manifesto de André Breton e dos brasileiros Tarsila do Amaral, Ismael Néri, Cícero Dias”. Assim comenta o curador João Soares Neto na abertura do catálogo da Casa Cor 2005 de Recife, onde a mesma foi homenageada. Algumas colocações não invalidam ressaltar sua participação no primeiro Salão Latino-Americano de São Paulo [promovido pelo grupo Maimeri Italiano] onde entre 3800 trabalhos inscritos da América Latina, Badida ficou entre os 100 melhores. Por aqui se observa que a pintora cearense ganha a cada dia a cidadania pernambucana pela contribuição universal do trabalho artístico.

A pintura é linguagem síntese dos tempos. Telas de Badida são contos curtos à maneira de Dalton Trevisan, narrados em primeira mão: terceira pessoa. Como diz essa autora: “Pinto para mim”. Entre títulos inéditos, a poeta da tinta prefere não citar escolas, gosta

muito do trabalho de Luciano Freud [neto do psicanalista da escola freudiana], das pintoras portuguesas Graça Morais e Paula Rego, dos trabalhos de João Câmara. Assume neste final de conversa que carrega as dívidas de influência que pairam sobre o legado da arte universal. “Se assino é porque gostei”. Em se tratando de arte: ‘não se morre, se conclui’. Toda arte é tensão inacabada:

**Tânia Lima é autora de vários livros dentre eles: A bela estrangeira, O livro do abrigo. Também é doutora em Letras pela Universidade Federal de Pernambuco.*